



Gaiato



Quinzenário • 10 de Agosto de 1991 • Ano XLVI — N.º 1237 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

ÁFRICA

A Obra da Rua tem o caminho aberto para relançar a sua actividade no meio do povo de Angola. Ela é tão desejada como o pão para a boca. Mas os obreiros desta causa são poucos e tão pobres!

O Domingos é um garoto de 19 anos. Foi criado, desde pequenino, na Casa do Gaiato de Benguela. Aos 8 anos, muito vivo e carenciado, ficou mais só. O berço que o aconchegou, com tudo o que havia de humano para ele, foi nacionalizado. Sem pai e sem mãe desde o nascimento, agora não podia dar esse nome a uma estrutura fria e despersonalizada — o Estado. O nosso Domingos ficou mais nu.

Foi o primeiro rapaz que me descobriu ao entrar em

Benguela. Agarrou-se-me ao pescoço com tanta força...! Chorou tanto, tanto...! O Domingo é um símbolo do que se passa em Angola com a sua geração. Nascida na guerra, criada na guerra e educada na «candonga»... Onde encontrar os valores que são o alicerce da juventude, adolescência e infância? Meu Deus! A sociedade humana está esfarrapada. Refiro-me a uma franja social de que não é possível conhecer os limites exactos, dada a sua grande dimensão.

Quem dá a mão? As autoridades civis são impotentes. Não têm o mínimo de condições adequadas a este tipo de gente, sem hábitos de trabalho nem qualquer estabilidade afectiva. Não há nada neste campo! É uma geração que vive, desde que nasceu até ao momento presente, a saltar dum lado para o outro. É necessária criatividade de pessoas que amem muito, capazes de inventarem caminhos que levem as crianças, adolescentes e jovens a uma vida com dignidade.

Angola necessita de gente que trabalhe com dedicação; que dê a mão ao seu povo.

De contrário, as celas das penitenciárias existentes não vão chegar para acolher delinquentes e criminosos.

Os governantes, preocupados com o quadro económico de miséria, correm o risco de perder a porção mais rica do seu povo, se não se abrirem para este problema social.

E a Igreja? Posta perante este desafio terá que reflectir na resposta a dar-lhe. Durante os 15 anos de guerra, Ela apresentou-se ao povo de

Angola com uma força tão grande que se transformou no único bastião de esperança e de alívio. Foi a Igreja pobre e despojada dos seus bens materiais que surgiu com a violência do Espírito a revelar-se como Mãe. O caminho foi traçado com tal clareza que Ela não pode desviar-se dele, na fase nova e com novos problemas, para manter a sua credibilidade. É a hora da Igreja purificada estruturar a sociedade angolana com os valores da Justiça e do Amor.

O que é dito da Igreja que está em Angola deve dizer-se da Igreja que está em Portugal e noutros países. As

Continua na página 3

Setúbal

• Agosto é um mês de pausa na vida desta Casa do Gaiato.

As oficinas fecham. Os mais velhos, em grande parte, descansam na Arrábida à beira do mar azul. Não há aulas, nem explicações, nem apoios escolares.

Na quinta, após a colheita das batatas, há somente que amparar com regas as hortas e os pomares, alimentar o gado, mantê-lo e tirar-lhe o leite. Os rapazes precisam de um certo desanuviamento, descontração e descanso. Precisam e merecem. Entre os 36 que frequentaram o ensino secundário, nos cursos diurnos e nocturnos, só um chumbou e este, ainda mais por deficiência física do que por ausência de estudo ou vontade de vencer.

As nossas obras não chegaram ao fim, mas levaram um grande avanço. Desde o fim de Setembro com dois

Continua na página 3

Igreja pobre ao serviço dos Pobres

• Benguela é a cidade do mar! Um mar calmo beijando suas belas praias. Alda Lara chamou-lhe «cidade das acácias rubras e buganvílias vermelhas». Hoje há poucas buganvílias e as acácias gemem açoitadas pela poeira das avenidas. Virão as chuvas e, por certo, irão florir.

Visitámos o Padre Cidalino, «já com o coração gasto», diz ele, «por tanto amar Angola e os angolanos». Tem os pés muito inchados. Mal pode andar! Recebeu-nos com esta graça: «Sabeis, em Portugal os médicos quiseram-me cortar um pé... Cortai, disse-lhes, mais quero ir para o Céu com um só do que ir para o inferno com os dois...»

Falou-nos a rir, feliz, por se encontrar de novo a servir e a amar este povo!

Neste momento e na sua presença, confesso, pensei com pena em tantos dos nossos colegas perdidos em cátedras supérfluas; movido, também, pela fome e sede deste povo.

• Não compreendo bem este fenómeno: Uma Europa abarrotada de tudo, até mesmo de barrigas obesas; e no outro prato da balança, povos com falta de tudo e, até mesmo, seres humanos que morrem à fome.

Fenómeno-catástrofe maior que lava de vulcões, ciclones que arrasam e bombas que matam...

Num belo discurso ouvi afirmar que nela se situam as fontes do verdadeiro humanismo. Talvez, por isto, este fenómeno me baralhe tanto!

Não há que esperar muito duma civilização doente que balda os filhos e baldou Deus. Opinião deste pobre, claro.

• Todas as congregações religiosas carregadas com o fardo-febre de casas de formação.

Formação, formação...
Noviciados, noviciados...
Casas e casas...

É bom pensarmos assim. Tão urgente, fomentarmos vocações. Porém, nunca esquecendo o caminho dos Pobres!

A melhor formação terá que ser junto do povo sofredor. Verdadeiro pobre de lahweh!

Antes desalojados que, novamente, instalados. Deus nos livre!

Uma Igreja pobre no serviço dos mais pobres... E,

Continua na página 3

Doenças da alma, as mais delicadas, as mais difíceis de curar. Eles vêm de um meio onde os valores andam invertidos. A rua, principalmente nas grandes cidades, por ser escola prática dos vícios, imprime-lhes no espírito o natural desprezo pela virtude. Os bons, para eles, são os maus. Se há um perverso, é o melhor de todos. É obra muito difícil colocar as coisas no seu lugar. Temos de lançar mão e de aproveitar os incidentes da vida doméstica, os mais pequeninos, os mais caseiros e com eles levar o pequenino a reflectir, a compreender, a amar o bem. Temos de ter à nossa disposição os grandes e poderosos auxiliares do nosso sistema de educar esta classe de gente: o campo, as aves, as flores — uma quinta. PAI AMÉRICO



PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• É um homem novo. Um sinistrado que ficará parcialmente incapacitado.

Antes do acidente, porque a família cresce, procedeu corajosamente à ampliação da sua casa, em regime de Autoconstrução, sabe Deus com que sacrifício! Fica situada num monte que abarca o Vale do Sousa.

Oportunamente, abordámos um senhor técnico para nos esclarecer recentes normas de licenciamento. No decorrer da informação contesta a Autoconstrução! Não se justifica, num País com mercado promissor: são precisas setecentas mil habitações! Inclusive, discorda do termo. «Autoacabamento, sim». Foi mais longe, considerando-a ilegal! — Como pode ser...!, ripostámos, se há um pacote legislativo que a reconhece para todos os efeitos!?

Deixemos os teóricos, que vêem ou analisam o País real do gabinete, e vamos aos Pobres.

No caso vertente, o homem chora por não ter cinquenta contos para concluir a obra: «Agora, é a melhor época... Os materiais estão caros e a gente não pode... Precisamos de quem nos bote a mão!» Servimo-lo imediatamente.

Hoje mesmo, escutámos os lamentos doutro jovem casal, com necessidade de moradia, mas alugada.

— Estamos fartos de correr, por todo o lado, e não encontramos uma casa para alugar! Temos três filhos. Um, deficiente.

A falta de Habitação Social, em localidades adjacentes à região do grande Porto, é problema candente, pois é mais fácil aos municípios construir e vender — como as empresas imobiliárias... Satisfazem algumas famílias, não há dúvida, que, em duas décadas, pelo menos, suportarão vultuosos encargos. Mas, no âmbito da verdadeira Habitação Social, imperioso é acudir a famílias verdadeiramente pobres, que não têm outra via, se não o aluguer da moradia.

Perante os dois casos, recordámos a calorosa afirmação dum bispo canadiano: «Desejamos desenvolver na Igreja uma maior solidariedade com as famílias que sofrem, desprovidas de meios. É mais fácil ignorar o mal que faz sofrer os Outros, sobretudo se eles estão afastados, no aspecto material e cultural. Esta ignorância é um pecado, não temos o direito de fechar os ouvidos ao grito de apelo» — conclui monsenhor Lebel.

PARTILHA — Cinco contos, do assinante 29650, de Sintra, «para ajudar os mais necessitados». Pontinha — Lisboa: «Com muito carinho e muita vontade de dar mais, se pudesse, envio uma gota de água para matar a sede de tanto desamor...». Assinante 20856, de Espinho, cheque de dez contos «para as necessidades

mais prementes dos Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. É a minha pequena contribuição deste semestre de 1991». Por fim, cinco mil escudos da assinante 14493, do Porto. E uma utilíssima oferta da assinante 27208, de Faro.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Colhemos as últimas batatas da «terra nova» e da «terra dos grilos»; foram dois dias de muito serviço, mas a malta trabalhou muito bem e com muito esforço. Apanhámo-las todas! Felizmente, estas já eram melhores e maiores do que as anteriores, compensando assim, de certa maneira, o nosso esforço. No fim, todos estavam esgotados, mas também felizes por terem acabado um trabalho tão difícil, como este.

O nosso milho continua a crescer; já com a ponta, promete dar também uma boa espiga, graças ao sistema de rega e ao Diamantino que não lhe tem deixado faltar água, pois o milho é um cereal indispensável à alimentação dos animais (vacas e galinhas).

Igualmente muito lindas estão as árvores de fruto e a vinha. As macieiras, carregadas, prometem boa colheita. As pêras, embora ainda um pouco verdes, já começam a ser colhidas pois irão acabar de amadurecer nos sótãos para depois serem servidas às refeições. A malta espera por elas... As uvas começaram a pintar; as videiras têm lindos e grandes cachos que, em breve, serão apanhados e saboreados pela malta. A horta tem enchido a mesa de feijão verde. A salada de tomate é boa e todos a comem com muito gosto.

OBRAS — As obras da casa-mãe continuam a decorrer normalmente. Os pedreiros, apoiados por alguns rapazes, têm trabalhado muito; a casa está coberta e telhada; estão a fazer os quartos do sótão e fica muito bonita. Mas, até estarem as obras concluídas, vai demorar um pouco.

CARAS NOVAS — O grupo dos «Batatinhas» ficou mais rico. Juntou-se a esta grande família o Nuno, de 2 anos; é o mais pequenino, mas, também, o mais vivo. Não pára um segundo! Salta, corre, cai, etc.

É a alegria das senhoras que não páram de o mimar, e também da malta que lhe acha muita graça.

RETORNO — O Manuel Viegas, mais conhecido entre nós pelo «Bolachinha», tinha-nos deixado há algum tempo; agora, voltou, pediu para ficar e foi aceite, como o filho pródigo.

Já está matriculado no Ciclo Preparatório, à noite, e esperamos que, desta vez, se sinta melhor entre nós.

Cronista X



Filhos e netos das Casas do Gaiato de Angola

Reencontro da grande família angolana

BENGUELA

16 DE JULHO — Sob o olhar de Pai Américo e dos ventos de convivência pacífica que os homens de boa vontade trouxeram à nossa martirizada terra, foi um imperativo recordarmos e comemorarmos o sempre nosso 16 de Julho.

Neste momento, em que fui incumbido de escrever algumas linhas para O GAIATO — famoso revolucionário de certas mentes — acerca do que foi este histórico dia, cá em Benguela, sinto-me pequenino perante tão grande acontecimento!

Foi bonito e, em certas ocasiões, comovente vermos antigos filhos — de Benguela e alguns de Malanje — com suas famílias completas reunidas à volta do altar da capela das Monjas Dominicanas, que também fazem parte da nossa grande família, e juntos comungarmos, recordando os ensinamentos e a doutrina de Pai Américo. Nesta hora de júbilo, o grande ausente foi o nosso bom Pastor e amigo D. Óscar, Bispo da Diocese, por motivos de ordem pastoral.

Infelizmente, para quem conhece a Casa do Gaiato de Benguela, o encontro foi do outro lado da estrada, após um interregno forçado de mais de uma década. Vamos esquecer o passado, sarar feridas e rumarmos a uma verdadeira reconciliação.

Foi uma alegria enorme vermos todos os nossos filhos encherem quase por completo a capela e o refeitório que, após o almoço, ouviram as aventuras e façanhas dos pais, vividas em nossas Casas. Quem não se lembrou do Padre Carlos, das poucas vezes que esteve entre nós; da inesquecível D. Virgínia, sem esquecer também outras senhoras que muito contributo deram; de irmãos nossos que foram vítimas desta guerra fratricida e doutros que se encontram em calabouços e fora do País!? Afinal, ninguém é perfeito.

A presença dos nossos Padres Manuel e Telmo foi aconche-

gante. Filhos, mães e pais todos sentimos um estímulo de carinho e miminhos indescritíveis. Não estamos sós! Mesmo depois de muitos de nós sermos já pais e alguns avós, continuamos a disfrutar do apoio, carinho e amor que muitas das nossas gerações, infelizmente, não têm nem encontram.

No final deste grande e sempre 16 de Julho, foram as despedidas dum lado e abraços e lágrimas doutro; e pedidos ao nosso bom Deus — que muitos de nós nas horas duras O esqueceram — na esperança de que o próximo encontro seja lá bem no coração da nossa Casa.

Obrigado, Pai Américo. 16 de Julho para sempre!

Solano

MALANJE

Com grande emoção revi tantos rostos familiares, alguns já apagados da minha memória! Era uma tarde de cacimbo, num domingo igual a tantos outros. Contudo, para nós revestia-se de um grande significado. A grande família angolana, constituída por gaiatos das Casas de Benguela e de Malanje, tinha, afinal, uma oportunidade de conviver, depois de quase dezasseis anos de separação. Os anos haviam deixado as suas marcas nos rostos de cada um de nós, o que fazia aquele encontro impróprio para cardíacos, se atendermos às inúmeras emoções que despoletava.

Uma festa simples, que teve como palco a casa do «Primo Velho», um conjunto de contentores, bem equilibrados, à beira-mar, no Bairro da Samba. Desculpem, mas não sei o nome verdadeiro do nosso anfitrião. São as consequências da vida do gaiato. Conhecemo-nos por alcu-nhas e, depois, não temos outra alternativa.

Tudo se passou muito depressa, a ponto de a comunidade benguelense ter estado representada por mim, pelo Padre Manuel e pela Fernanda, esposa de um dos nossos gaiatos.

É difícil encontrar palavras que permitam descrever fielmente o ambiente de euforia que durante quase seis horas nos uniu. As pessoas mais importantes da festa, sem sombras de dúvida, eram os nossos Padres Telmo e Manuel. Ficámos embasbacados a ouvir o relatório sobre os seus encontros com as autoridades angolanas e demais pessoas que sempre acompanharam e ajudaram a erguer as Casas do Gaiato. Havia tanta coisa para contar que algumas das esposas dos gaiatos, na hora do almoço, desabafaram: «Senhores Padres, eles, afinal, não nos ajudaram em nada, só conversam...». Gostei da resposta do senhor Padre Manuel: «Pois é, eles têm muitas coisas a contar uns aos outros, ao passo que vocês...»

Com efeito, há mesmo muita coisa para contar! Gostei de ouvir a reclamação do Camacho («Tractorista»), punido com três anos de cozinha por ter danificado a carrinha da Casa. Também gostei de ouvir o embaraço que o nosso Padre Telmo causou a um dos nossos, quando, inadvertidamente, revelou à esposa que o marido havia sido um belo cozinheiro... Gostei de rever o Maxinde, o Pinto, o Sansão, o Bolota, o Verdinho, o Necas, o João Brenguel, o Eduardo, o Toninho, e tantos outros nomes que peço por não recordar. Não foi em vão que protestei por não haver uma máquina fotográfica. Afinal apareceu e permite, desta forma, que todos os rostos sejam registados para a posteridade.

Satisfez-me imenso saber a forma entusiástica com que todos nós, e gente nossa amiga, se prontificou a ajudar a reerguer as Casas do Gaiato. Muito trabalho há que fazer! Todos estamos conscientes disso e, no que for possível, o nosso contributo não será jamais negado. É este o espírito que nos anima. Reconhecemos que cada angolano merece um lar e uma família, assim como nós, quando pequenos e garotos de rua, recebemos o braço acolhedor da Obra da Rua. Muito havia para dizer! Esta crónica é um complemento do muito que terão a dizer os nossos Padres Manuel e Telmo. O

reencontro ficou já marcado: será no Natal, na Casa do Gaiato de Malanje.

David Eduardo

PAÇO DE SOUSA

AGRICULTURA — O nosso milho já está bastante crescido; prevê-se uma grande colheita.

Como estamos em férias (de aulas) o «Mondego» é que trata, com muito carinho, da irrigação, sendo o responsável pelos canos de água. Se continuar tão bem o seu trabalho prevemos um futuro sorridente, como o sucessor do senhor António Maganório.

FUGAS — O nosso Coelho e o Rui Gordo resolveram, um dia destes, fazer umas férias sem autorização do nosso Padre Manuel. Mas foram surpreendidos, algures. Quando regressaram, as suas perucas foram danificadas no barbeiro.

Como têm medo de andar sem a brilhante peruca, evitam encontros...

VIDA MILITAR — Três rapazes que se encontravam na Força de Fuzileiros do Continente terminaram, em 26 de Julho, o serviço militar obrigatório.

Ficaram muito tristes por deixarem os amigos que fizeram.

No dia 5 de Agosto o nosso Bábá (Lourenço) ingressou no Exército.

Não contava!

PRAIA — Para a semana que vem, chega o 2º turno da praia. Esperemos que venham alegres, como referimos na quinzena anterior.

Parece que passaram, por lá, dias de muito vento e neblina matinal, tal como tem previsto o boletim meteorológico na televisão. Apesar disso, também espero que venham suficientemente morenos, tal como queriam, e se tenham divertido muito.

Paulo Alexandre «Rambo»

SETÚBAL

Continuação da página 1

outros homens de fora, removemos centenas de vigas de madeira, milhares de barrotes e ripas, todo o telhado e erguemos todo o vigamento novo em betão pré-esforçado. Obra deles, por eles, para eles.

Mas, no mês de Agosto, as obras não param. O ritmo, embora mais calmo, não vai abrandar muito. E eu vou para o Algarve, todos os fins-de-semana, falar dos Pobres às gentes que ainda se abeiraram à volta do altar de Deus e pedir-lhes a sua colaboração nesta Obra da Igreja, dos Pobres, de Deus!... É uma palavra viva com que pretendo despertar a Fé, animar a Caridade e fortalecer a Esperança. Quantas vezes tenho arrancado do coração dos crentes as quantias guardadas para estafar nos casinos ou outros lugares de ilusão e diversões! Quantas vezes!... E ao verificá-lo... quanta alegria me inunda a alma!... «Tome Padre... Depois de o

ouvir já não sou capaz de gastar tão mal esta quantia. Leve para os seus Pobres!» Deus é testemunha... E eu..., por Sua graça..., também.

Fazemos a viagem depois do almoço, sábado, e regressamos a Casa no domingo perto da meia-noite para começar um novo dia às 7 da manhã de segunda-feira, depois de falarmos 7, 8 e 10 vezes! É uma grande estafada, mas maior exaltação.

O tema é o Evangelho da Missa iluminado pelos casos recentes mais chocantes capazes de abanar as consciências e despertá-las para os compromissos cristãos

O último telhado a ser posto, de novo, foi o da nossa capela e do seu grande átrio. Os rapazes, mais dois pedreiros, calcam as últimas telhas novas, à minha vista, enquanto escrevo. Estava em péssimo estado a cobertura da nossa Casa de oração! Que alívio eu sinto ao verificar que as infiltrações foram banidas, que a abóbada, amarelada pela água, vai voltar a

ser branquinha e que jamais, durante a minha vida, irei ter esse peso sobre mim.

A capela é o grande centro de uma Casa do Gaiato. Dali dimana a Vida. A Força para vencer todos os obstáculos. A Esperança perante todos os fracassos.

A capela é o manancial de todas as energias.

- A Casa do Gaiato de Setúbal com as suas mais significativas instalações nos arredores da cidade, a seis quilómetros, é um centro de irradiação apostólica para uma população enorme, completamente abandonada pela Igreja Católica. A catequese e a liturgia têm sido asseguradas por nós, ocupando com todos os inconvenientes uma escola primária. Preciso de uma casa pré-fabricada que irei buscar a qualquer canto do País onde não faça falta e colocarei num terreno destinado à construção de uma igreja nova. Quem tem essa casa? Quem no-la dá? O nosso telefone é o (065)

501227 de Setúbal e a melhor hora para me encontrarem é sempre das 20 às 22 h.

Padre Acílio

Igreja pobre ao serviço dos Pobres

Continuação da página 1 aqui, a escola, a formação e os noviciados.

A tentação do ter, do poder e do domínio espreita-nos em cada esquina. Muito atentos, pois.

- Mas, graças, no mesmo dia que escrevi esta última nota, encontramos algumas irmãs, mesmo no centro dum bairro-muceque de Luanda. Duas vezes nos perdemos no labirinto das ruas para lá chegar! Ali estão numa entrega total. A casa é simples. A mesa e móveis, mais ainda. O cafezinho de frasco que lá tomámos, ainda mais!

Já foram assaltadas e roubadas...

O braço de Deus — vendido por tamanho amor!

O mesmo em Malanje: Uma irmã leiga a viver com três meninas que ajuda a criar e educar; outros, noutro bairro e numa casa humilde.

Se um só Justo poupa a Cidade..., como não germinarão estas sementes de esperança?! Padre Telmo

Logo de manhã, abeirámo-nos do nosso Padre Carlos, dizendo que, naquele dia, ele e os restantes Padres não *riscavam* nada. Seriam considerados convidados e não se admirassem nem «refilassem» com o que fosse acontecendo.

E foi assim, repetimos, que, embora surpresos, os Padres da Rua, a meio da Eucaristia, ouviram o nosso testemunho, receberam a salva de prata e os nossos abraços. Eles são contrários a tudo quanto seja elogios, preferindo viver no silêncio. Para isso, deve ter-lhes custado bastante aquele acto público de justiça.

Os Padres presentes ao convívio, quando é servido o almoço, metem-se na bicha, e aguardam a sua vez almoçando de pé. Mas, agora, convidados de honra, o seu lugar era numa linda mesa, com bonita toalha. Acederam um pouco contrariados, mas vimos nos seus olhos que se sentiam satisfeitos por os rodearmos destes carinhos e por verem que os gaiatos ali presentes estavam de alma e coração com eles. Sentaram-se à mesa: Padre Carlos, Padre Horácio, Padre José Maria, as senhoras que se devotaram à causa da Obra da Rua, trabalhando para conseguirem o Céu.

Resta-nos dizer que a mesa de honra teve um servente de honra, vestido a rigor como mandam as regras, ou seja, com avental; e só não tinha rendas nos punhos porque não foi possível arranjar. Foi o Joaquim Mendes que se portou como um grande profissional, conseguindo a proeza de não deixar cair a sopa por cima dos Padres ou das senhoras.

Terminamos com um até ao ano, se Deus quiser.

Fernando Marques

Tribuna de Coimbra

- Os últimos quatro dias foram um pouco a amostra do que é a vida dum chefe desta família.

Sexta e sábado foi o «juramento de bandeira» do Carlos Zé e do Serafim. Um em Tomar, e outro em Leiria. Dois dias de muito calor e as cerimónias foram às três horas da tarde. As duas paradas compostas de homens na flor da vida, perfilados. «Juro pela minha honra defender a Pátria.» Este juramento foi um grito de voz que pareceu vir do coração. Um compromisso para a vida inteira. Que o seu comportamento nunca seja de traição. Gosto sempre muito de participar nestes actos sérios com disciplina e com apuro, sem cheiro a bagatelas.

- Domingo foi o convívio anual dos gaiatos do Norte, em Paço de Sousa. Procuo sempre estar presente. Celebrei com os de Miranda do Corvo na nossa capela, e parti logo por aí acima. Quando cheguei já estavam a celebrar a Eucaristia. À sombra das grandes árvores fizeram o santuário. Na altura própria, Padre José Maria falou a todos e a cada um. Falou da *martelada* que Américo sentiu e como procurou acatar a voz de Deus. O testemunho da sua vida. Os três centros da nossa Aldeia de Paço de Sousa: a capela com a casa-mãe dum lado e a escola do outro. A capela é o grande centro. Deus tem de estar presente. A sala de jantar e a escola têm de acompanhar.

Tive pena que, ao chegar, encontrasse alguns fora de portas. Outros, à janela. Alguns, a chegar. Muitos ausentes e era a hora da Eucaristia. O Pai com muitos filhos estavam a preparar a mesa do Pão.

O festo do dia foi de matar muitas saudades. Lembrar muitos passos da vida. Viver dias muito cheios que se repetem todos os anos e são sempre muito saborosos.

- Segunda e terça foi para colher dois campos de batatas. Às seis horas já andavam doze enxadas a descobrir tesouros que são cada batateira. «Olha esta tão grande!» — ouvimos dizer, muitas vezes, em cada dia.

A seguir ao pequeno-almoço, ia o tractor grande com uma carrada de rapazes em cima, com baldes, caixotes e sacos. Foi assim, todo o dia, nos dois dias.

A primeira e segunda colheitas, deste ano, foram muito fracas e desanimadoras. Esta foi mais abundante e os sótãos ficaram quase compostos. Alguns rapazes com bolhas nas mãos e dores de costas. Mas todos nos sentimos felizes a colher o fruto do nosso trabalho que é pão da nossa mesa. No fim, agradecemos a Deus a bênção que sempre nos vai dando.

Padre Horácio

ÁFRICA

Continuação da página 1

organizações vocacionadas para o campo de trabalho social, com o quadro acima referido, devem sentir-se questionadas a ponto de se interrogarem sobre o que é prioritário na sua vocação. Angola, neste momento, não tem absolutamente nada para responder a esta questão.

O problema dos rapazes é grave. Não é menos grave o problema das meninas. Ao entrarem na puberdade, com a liberalização gerada no clima de desgraça em que Angola viveu, cedo caem nas mãos dos rapazes e os filhos aparecem sem o mínimo de responsabilidade. A família não funciona e as ruas das cidades e dos bairros enchem-se de crianças que vão engrossando a multidão dos filhos da rua.

Ao escrever estas notas, o meu coração aperta-se porque a Obra da Rua é tão

pequena para problemas tamanhos. Quem dera que Angola seja descoberta, de novo, pelas Obras da Igreja, pois o Estado é impotente para segurar a avalanche que começou e vai crescendo. Deste cantinho acolhedor lanço o apelo às Obras que conheço a trabalhar num meio, onde há centenas e milhares delas, para que repartam a sua generosidade por Angola que nada tem. A solidariedade cristã pede. Esta é a hora de recomeçar, aproveitando a oportunidade histórica.

A Obra da Rua tem o caminho aberto para relançar a sua actividade no meio do povo de Angola. Ela é tão desejada como o pão para a boca. Mas os obreiros desta causa são tão poucos e tão pobres! Será que o terreno onde está plantada já não tem húmus? Então... apetece-me dizer: seja arrancada e levada para uma terra mais fértil para que não venha a definir e dê frutos; e outros tenham vontade de cuidar dela; e gostem tanto dela que sejam capazes de dar-lhe a sua vida!

Padre Manuel António

Convívio da Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

Às 11,30h. reunimo-nos na Capela e fomos depor lindos ramos de flores na campa de Pai Américo e, ao mesmo tempo, pedir para que ajude a todos.

A Missa começou às 12h.. Ao ofertório surgiu a primeira surpresa que preparámos aos Padres da Rua. Além do convívio e homenagem a Pai Américo, quise-mos, também, mostrar-lhes o nosso apoio, testemunhando a mais expressiva gratidão pela doação das suas vidas aos rapazes abandonados, aos pobres e aos doentes. Foi isso que dissemos no ofertório, em pequena intervenção feita pelo Valdemar. Lembrou todos os Padres, quer os presentes quer os que, por impossibilidade, não puderam estar, pedindo a Deus que lhes conceda as maiores Graças para que as forças não faltem na árdua e dura tarefa a que se votaram. Para comemorar este acto, depusemos no altar uma salva de prata oferecida aos Padres da Rua por todos os gaiatos, quer de Paço de Sousa quer das restantes Casas, assim como de antigos gaiatos e doentes do Calvário, com uma dedicatória de amor e gratidão. Seguidamente, fomos ao altar dar um abraço aos Padres presentes, englobando também os ausentes; e distribuímos uma pequena pagela, dirigida aos Padres da Rua, encimada pelo retrato de Pai Américo, que expressa a nossa gratidão pelo queimar das suas vidas em prol da Obra da Rua.

Depois, o apetecido almoço, preparado pelos nossos antigos

colegas, esposas e filhos. Elas foram, realmente, as mais sacrificadas! Mas, no fim do dia, embora completamente extenuadas, sentiram-se felizes por terem cooperado para que tudo saísse bem. E saiu! O nosso cozinheiro, Henriques «Sedielos», preparou uma boa ementa, «filetes de pescada com salada russa», bastante apreciada pelos presentes. Sumos, vinho e frutos, à discrição, sempre ordeiramente assumida. Naturalmente, o serviço demorou bastante. Ali não havia criados. Eram mais de 600 pessoas. Mas, no final, ninguém se queixou. É isto a Casa do Gaiato!

A merenda consistiu de fêveras de porco com pão, pêras, maçãs, sumóis, vinhos e bolos. Na distribuição houve alguma atrapalhada, imediatamente resolvida. As fêveras estavam tão bem feitas e com um tempero digno de hotel de 5 estrelas! Ninguém descansava enquanto não fosse servido! Tudo serenou. Chegaram e ainda sobram.

Queremos mencionar os trabalhadores deste convívio: Henriques «Sedielos» e as esposas do Quim Carpinteiro, Fernando Dias, Júlio Mendes, Júlio «Tira-Olhos», Vasco, Serafim e Carlos Alberto, assim como os respectivos maridos; e, ainda, o Neca, o Carlitos e a querida amiga enfermeira Salazar. A organização quase se pode considerar modelar. A todos agradecemos, assim como o extenuante trabalho a que fomos obrigados. Bem hajam!

Foi um dia cheio!

Em 21 de Julho, como estava previsto, realizámos o nosso habitual convívio em Paço de Sousa, comemorando o 35.º aniversário da passagem do nosso querido Pai Américo desta vida para o Céu. A nossa Aldeia de Paço de Sousa, que não é nada pequena, estava a rebentar pelas costuras, com mais de 600 presenças.

Houve alegria a rodos! Abraços e mais abraços e o prazer de rever caras que já há muito não víamos. Gaiatos de todo o País, do Minho ao Algarve, e alguns também do estrangeiro.

A Casa do Gaiato continua a ter o sortilégio de nos prender, não deixando, com o passar dos anos, que a esqueçamos. Isso deve-se, principalmente, ao alto espírito de família em nós incutido por Pai Américo.

E foi assim que nesse dia toda aquela multidão se fundiu numa única família, dando razão à frase profética de Pai Américo: Dizia que, pelos anos fora, todos nós, gaiatos, haveríamos de continuar sempre unidos pelos maiores laços familiares em redor das Casas do Gaiato.

Foi um dia extraordinário! Toda a gente confraternizava. Um contínuo lembrar das nossas aventuras na Casa do Gaiato davam para sorrir. Quando começou a debandada, já uma pequena tristeza nos acompanhava; mas com a lembrança de que outros anos virão, partimos mais satisfeitos.

Rememorando o que se passou, diremos que o programa foi cumprido integralmente.

A avalanche das chegadas começou às 9.30h. Às 10h., o programa desportivo, repartido com provas de atletismo e um jogo de futebol. Mais do que os resultados, interessou a sã camaradagem e o convívio.

DOCTRINA



...germinou, cresceu, deu ramos...

• Tudo caminha por sobre espelho de água mansa, de maneira a entrar no que é seu o primeiro gaiato pobre no dia primeiro de Janeiro. Já temos enfermeira capaz, hortelão conhecedor, mobília em andamento e os subscritores semestrais vêm chegando na medida de dois ou três por dia, firmes e generosos — quem faz o que Deus quer, tem tudo quanto quiser. Já tenho trinta e oito registados e neles a garantia de dois mil e quinhentos escudos por semestre, mas eu necessito de muito mais. Ele há um ou outro que titubia. O dar hilariante que o Apóstolo recomenda, é dom de muito poucos. Muito mais frequente é o rosário de costumadas amarguras e a filosofia do «dá que não peças»; pelo que tropeçam nas suas próprias fortunas, fazendo da alavanca trombolho. Mas nem por isso a gente desanima.

• (...) O nosso catraio, que não é de maneira nenhuma um doente, mas sim um predisposto à doença, também há-de ajudar nas coisas de casa, compatíveis com a idade e o saber. Obra deles, para eles, todos hão-de trabalhar para fugir à pauta do estatuto e viverem na sua Casa. Não é Roda nem Asilo. Não aceitamos expostos, mas somente predispostos. Tenho infinita dor do pequenino que é fardo em vez de filho, mas antes quero sofrê-lo do que fugir ao norte que me propus: a Casa do Gaiato não pode ser para estes.

• Uma vez nos carris a Casa do Gaiato, vai-se a gente meter noutra alhada, envolvendo-te nela também: um Recreatório para furtar à rua a fauna miúda que nela habita. Parece que devíamos ter começado por aqui, sabido como é, que a formação moral do rapaz da rua vale muito mais do que a mesa bem posta. Porém, quando temos de dar as duas coisas ao que não tem nenhuma, devemos ir direitinhos à primeira obra de misericórdia, sem o que não nos acreditam nem nos seguem. Se sábes de alguém que me queira dar em Coimbra casa ou terreno para ela, hem fazes, apitando. Um maltrapilho da rua pode tornar-se num rapaz piedoso! Não me chames néscio se te afirmo coisas altas. Da natureza nascem flores lindas e silenciosas. O Poder de Deus faz das pedras filhos de Abraão e a Fé do tamanho de um grão de mostarda põe os montes em marcha à nossa frente.

Padre Carlos

(Do livro Pão dos Pobres — 2ª vol.)

O 16 de Julho não é uma data exclusiva da família de dentro da Obra da Rua. A família de fora exprime abundantemente e de variados modos a sua vivência deste «dia natalício» nosso, nomeadamente alguns que celebram nesta data efemérides suas. E hoje, 28/7, que lembramos diante de Deus os 62 anos da ordenação sacerdotal de Pai Américo e Lhe agradecemos tamanho dom, principio este desfile de dons por duas presenças, por sinal ambas de V. N. Famalicão: a Maria Regina que faz questão de a marcar antes de ir para férias; e a Maria de Carmo que completou naquele dia 39 anos e os festejou como nos diz em sua carta:

«Rogo ao Senhor que através de Pai Américo me encaminhe e ajude na educação dos cinco filhos que Deus me confiou e dos alunos que tenho no meu trabalho profissional. Em casal resolvemos oferecer 100.000\$00 para a ajuda da construção de casas para quem ainda não tem um lar com o mínimo de condições. Serve também de agradecimento ao Senhor pela saúde que nos tem dado para melhor O servir e amar, principalmente nos mais necessitados.»

A estas duas Marias, seguem dois Zés: O que naqueles velhos tempos dava pelo nome de «Zé dos Pobres» entre os vicentinos de Lourenço Marques; e a «Zé Ninguém» do Porto (uma dos muitos com o mesmo apelido que sempre tem havido ao redor de nós), a lembrar, também, «a passagem para o Céu do nosso querido Pai Américo».

De Macieira de Cambra, um velho casal a repartir «parte do último aumento da nossa reforma». E este piropo, revelador de um entendimento, todo repassado pelos seus corações: «O amor que dedicam aos mais desamparados, que se nota grande, só pode ser comparado ao que dedicamos aos nossos filhos e netos».

Outro testemunho importantíssimo: o do amor conjugal vivo entre os que ainda vivem e vivo no coração daquele que ficou quando o Senhor já veio buscar o outro.

Dos primeiros, um cheque a comemorar «boda de ouro» e esta carta linda, de Lisboa, linda e pujante de doutrina viva, porque vivida: «O meu marido retirou-se do mundo do trabalho, por doença, aos 62 anos. Não queremos deixar de nos lembrar dos que precisam de nós. (...) Recebam, pois, com muito amor da nossa parte, a partilha do que ainda não sabemos que vai ser a nossa mensalidade, sem dúvida um acto de acção de graças ao Senhor nosso Deus por nos ter dado graças para resolvermos os nossos problemas últimos que foram grandes e graves. Agora estamos ao Seu dispor, na saúde ou na doença, esperando que na Sua infinita misericórdia nos conceda ainda anos de Paz

AGORA

com 'o pão nosso de cada dia'».

Dos segundos, mais duzentos contos, de uma Amiga de sempre, agora em Belas. Mais trezentos, de outra igual, de Lisboa, e o pedido de «uma oração no dia em que faz 3 anos que meu marido partiu para o Pai» e esta dedicatória: «A minha partilha material leva o meu amor e a minha fé de que chegou o dia em que pela força do Amor não haja mais barracos-sepulcros». De Anta, cinquenta, «em nome de meu santo marido que Deus levou há 14 anos». E da Póvoa de Varzim, mais setecentos e cinquenta, de outra viúva em quem uma gravíssima doença não logra quebrar o ânimo e está

decidida a viver até que «Deus se amerceie de mim e me leve para junto d'Ele se a minha hora estiver a chegar».

Outros amores, igualmente santos, dão sinal de si. Uma Mãe com vale de cinquenta e «peço orações pela conversão de meus filhos que andam por caminhos errados; e só a oração e sacrifícios têm o poder de os ajudar, fazendo que os seus corações sejam tocados no Amor Fraternal do Corpo Místico de Cristo». Da Régua, cheque de trinta: «Faz hoje 6 anos que faleceu minha Mãe». E da Maia, outra filha sufragando sua Mãe. «E com o pensamento nela — acrescenta — de repente me lembrei também de meu pai e depois de todos

os meus familiares e, a seguir, de amigos e inimigos». A caridade autêntica é assim, não tem fronteiras.

De Sever do Vouga uma Irmã honrando seu irmão sacerdote, pela continuação do que «ele costumava mandar-vos»: setenta, desta vez... mas foram tantas e tanto!

Termino hoje, e porque há muito esta «procissão» não saía, com duas presenças a propósito da Páscoa, que já vai longe. A Júlia, de Paranhos, manda dez por «desobriga» e a agradecer «a maior graça que Deus nos pode dar, uma casinha. Estimo-a como a mim própria. Custou-me 16 contos e fiz muitos sacrifícios para a pagar». E remata esta

santa velhinha com um humilde «desculpe esta velha chata!» Feliz é que ela é! Aqui e agora e para sempre!

A outra presença é de Coimbra. É portadora de um cheque de trezentos e desta mensagem repassada de ternura: «Todo o tempo é bom para auxiliar o Próximo, mas certos momentos do ano, como o Natal e a Páscoa, pelo significado profundo e decisivo que têm na vida cristã, são especialmente propícios a que superemos o nosso egoísmo e comodismo e nos lembremos dos irmãos. Aqui envio, pois, uma ajudinha, com a simpatia e amizade que vêm dos tempos já longínquos em que tive a felicidade de conhecer pessoalmente Pai Américo (com ele estive alguns dias na Colónia de Férias de Vila Nova do Ceira, em 1939; tinha eu então 16 anos...)».

Padre Carlos

Um dia, pedi ao pastor do Seminário da Ricatla, nos arredores de Marracuene, que nas aulas do escultor Chissano fizessem um Cristo para a nossa Capela. Andámos pela mata, à procura de uma árvore seca. Apareceu um sândalo, meio enterrado num morro de formiga. Cortou-se e foi carregado para a Missão.

Soube, depois, que aquele famoso escultor dedicou uma tarde e toda uma noite a talhar a imagem. Durante o trabalho, o tronco se desmembrou em três partes e dentro apareceram várias colónias de formigas e uma de abelhas que ali fizeram mel.

Estou no Tojal e tenho esse Cristo à minha frente. A con-

Moçambique

figuração geral é um tanto caótica. Os braços não têm forma definida. São conforme a madeira permitiu. Anatômicamente impróprios para o trabalho, se de uma pessoa se tratasse. O peito e os ombros escalavrados e com remendos da própria madeira, como se houvessem sido destruídos por cargas imoderadas e depois reconstruídos plásticamente só com carne. O peito é forte e as costelas salientes, como vigas num telhado. A cinta pode abranger-se com os dedos da

mão. As pernas raquíticas, dir-se-á que não servem para andar. Mas a cabeça é majestosa! Os olhos fechados em atitude de resignação. As maçãs do rosto salientes, dando uma proeminência destacada à boca que é descomunal.

Este Cristo-imagem transfigura-se diante de mim num Povo. Quando mo vieram trazer a Casa, perguntei, inocente, o porquê da cintura tão fina. Disseram com seriedade: «É a fome do nosso povo». A mesma seriedade do semblante do meu Cristo.

Se hoje perguntasse mais, teria resposta para tudo. Porquê os ombros tão mutilados e os braços tão disformes? Parece-me ouvir:

— Carreguei durante séculos riquezas para os outros. As minhas costas desapareceram de tantos maus tratos; partiram-se os ossos, mas eles soldaram à custa de tanto tentar sobreviver. As pernas enfraqueceram e só por estar pregado na Cruz é que o meu corpo fica de pé.

Mas repara que estou feito na madeira mais nobre da África. Tem um cheiro que só é sentido quando o Meu Pai faz cair a chuva sobre justos e injustos. E o meu perfume se derrama em toda a volta. Olha a minha cabeça. A coroa de espinhos foi talhada no meu crânio, para nunca mais poder ser retirada nem disfarçada sequer. Faz parte de mim. Deste corpo madeira, carne, pessoa que

está em muitos milhões de irmãos teus. Os meus ombros estalaram de tanto sofrer. O meu peito de madeira está destroçado e oco, porque acolho ingratidões e ofensas. Só as abelhas me trouxeram mel.

Repara na minha boca. Vós dizeis que a necessidade cria o órgão. Pois a minha boca cresceu desmedidamente por causa da fome do meu Povo. Tornou-se, porém, mais potente para falar. Eu sou a Palavra! Todos hão-de ouvir a minha voz. Uns morrerão de pavor, como outrora os Israelitas no Sinai. Outros hão-de acordar para a Ressurreição, no último dia. Mas até lá tenho muito que dizer. Já chega de andarem enganados. Levantai as vossas frentes. Está próxima a Libertação. O meu sofrimento na Cruz foi nada, comparado com o sofrimento do meu Povo. Quero paz. Quero amor. Se meus braços estão abertos, que os vossos se juntem. Se minhas mãos estão presas na Cruz, que as vossas se agarrem para o trabalho. Não quero mais fome. Não quero mais sofrimento. Quero são o vosso corpo e a vossa mente. Eu sou a Vida. Quero que sejais uma nova criatura. Se o meu peito de madeira acolheu formigas e abelhas, a quem o meu Pai deu leis inalteráveis, é que são exemplo na vossa conduta. O meu tronco é largo, o meu coração é imenso. Cabem todos dentro dele.

Padre José Maria



Este Cristo-imagem transfigura-se num Povo...

Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 400398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média por edição no mês de Julho: 74.700 exemplares